

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: QUESTIONAMENTOS E RUPTURA DE IDEAIS HEGEMÔNICOS

CONSOELO COSTA SOARES CARVALHO*

Resumo: A literatura afro-brasileira tem se firmado como a expressão de um discurso tradicionalmente posto a margem. Referimo-nos ao discurso do negro enquanto sujeito autoral e, portanto criador de novas formas de representação em que o negro deixa de ser objeto e passa a ser sujeito do/no discurso. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é demonstrar que a literatura afro-brasileira constitui-se em um espaço de questionamentos e ruptura de ideais hegemônicos no que diz respeito, tanto a representatividade do negro na literatura brasileira, quanto a própria tradição literária. Busca-se, com isso, evidenciar nos livros “Não vou mais lavar os pratos” (2011), “Espelhos, Miradouros, Dialéticas da Percepção” (2011) e “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” (2014), da autora afro-brasileira Cristiane Sobral que essa literatura é também uma forma de legitimação identitária dos afrodescendentes que ao longo da história foram e ainda são relegados o lugar de subalterno.

Palavras-chave: Literatura afro-brasileira, ruptura, identidade, negro.

INTRODUÇÃO

A presença do negro na literatura brasileira pode ser percebida no século XVII com as poesias satíricas de Gregório de Matos. A partir do século XIX sua representatividade aparece mais explicitamente, contudo pautada em um contexto histórico-social de um regime escravocrata em que o negro “era” tratado simplesmente como objeto, essa representatividade é marcada por estereótipos e perpetua-se nesses moldes até a atualidade.

Referindo-se a contemporaneidade Regina Dalcastagnè (2005, p. 44), em sua pesquisa sobre a personagem do romance brasileiro constatou que a presença do negro na cena literária nacional, ainda é mínima. Segundo a autora a personagem do romance brasileiro é branca. Nesse sentido, o negro quase não aparece e quando aparece ele ocupa quase que exclusivamente o lugar de subalterno.

Domício Proença Filho em *A trajetória do negro na literatura brasileira* (2004), observou em obras como *A escrava Isaura* (1872) de Bernardo Guimarães, *O mulato* (1981) de Aluísio de Azevedo, no poema “Navio Negroiro” de Castro Alves, na obra *O demônio familiar*, de José de Alencar, no romance *O bom crioulo* (1885) de Adolfo Caminha – para

* Mestra em Letras pela Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

citar alguns exemplos – estereótipos como: o escravo nobre, o negro vítima, o negro infantilizado, o escravo demônio, o negro erotizado etc.

Proença Filho (2004) esclarece que essa literatura na qual o negro tem papel secundário e além disso, possui uma imagem inferiorizada consolida a condição negra como objeto, como coisa, distanciada de uma atitude compromissada em que o negro deixa de ser objeto e passa a ser sujeito. Então, há duas maneiras em que a condição do negro pode ser vista na literatura, o negro como coisa/objeto e o negro como sujeito. “Tem-se, desse modo, literatura sobre o negro, de um lado, e literatura do negro de outro” (PROENÇA FILHO, 2004, p. 161).

É nesse viés de “literatura do negro”, em que ele é sujeito de/da sua escrita que a literatura afro-brasileira se insere. Configura-se em uma literatura que busca ressignificar o lugar do negro no texto literário por meio da afirmação de uma identidade negra que antes era camuflada. Há nessa literatura, o que se considera negritude – um movimento de tomada de consciência de ser negro, em que se busca reverter, contradizer, desmistificar os estereótipos negativos construídos para o negro com base na ideia deste ser inferior ao branco.

Pensando nisso, o objetivo deste artigo é demonstrar como a literatura afro-brasileira questiona a posição de subalterno que o negro ocupa na literatura brasileira e consequentemente provoca uma ruptura no sistema literário nacional ao eleger o negro como sujeito e não objeto de seus textos. Especificamente, selecionamos o poema “Não vou mais lavar os pratos” (2011), o conto “Memória” (2011) e o poema “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz” (2014) da escritora afro-brasileira Cristiane Sobral para evidenciarmos tal propósito.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: SUBVERSÃO DE UMA TRADIÇÃO LITERÁRIA

“A definição dominante de literatura circunscreve um espaço privilegiado de expressão, que corresponde aos modos de manifestação de alguns grupos, não de outros” (DALCASTAGNÈ, 2005, p.17). Tomamos as palavras da autora como mote dessa discussão, porque demonstram com clareza o motivo pelo qual o negro não tem voz no sistema literário

nacional. A ele, destina-se o lugar de subalternidade por não se enquadrar aos padrões especificados por aqueles que detêm o poder.

Essa conjuntura em que o dominador possui o poder e o dominado é considerado um mero objeto, sustenta-se na ideia de raça que segundo Aníbal Quijano (2005, p. 117), trata-se de “uma construção mental que expressa a experiência básica da dominação colonial”. Em outras palavras, os colonizadores a fim de justificar suas conquistas sobre os colonizados, “codificaram como cor os traços fenotípicos dos colonizados e a assumiram como a característica emblemática da categoria racial” (QUIJANO, 2005, p.117).

Nesse sentido, a ideologia de raça constituiu-se intimamente ligada à cor dos dominados, pois “os dominantes chamaram a si mesmos de brancos” (QUIJANO, 2005, p. 118), e foi justamente essa classificação, na qual brancos dominam e pretos são dominados, que se propagou e fixou-se mundialmente a ponto de tudo aquilo que diz respeito ao negro passasse a ser considerado inferior, inclusive e principalmente o conhecimento.

Pensando na literatura, isso não é diferente, porque pauta-se em uma estética que por sua vez, ancora-se em padrões hegemônicos associados a valores ocidentais. Cielo Festino (2014, p. 314), afirma que “a estética não é desinteressada, mas privilegia uma determinada ideologia que tenta passar por universal”. Esse caráter de univocidade ideológica ao impor valores das elites dominantes a grupos marginalizados inviabiliza todas as outras formas de expressão.

Por isso, quando o negro aparece na cena literária, ele não tem voz, ao contrário, falam dele e por ele construindo assim, imagens que julgam ser apropriadas e condizentes à realidade. Os chamados estereótipos, que segundo Homi Bhabha (1998, p. 117), “constitui em um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais”. Os estereótipos, não só fixam uma imagem deturpada do sujeito a qual se direciona, mas também, o desautoriza a falar de si com autoridade. Suas relações sociais são sempre marcadas por restrições e exclusões.

A representatividade do negro, muitas vezes, está atrelada a condição de objeto porque o discurso do colonizador cumpre a função de marcar essa condição. “‘Preto sujo!’ Ou simplesmente: ‘Olhe, um preto!’” lamenta Frantz Fanon (2008, p.103) “cheguei ao mundo pretendendo descobrir um sentido nas coisas, minha alma cheia do desejo de estar na origem

do mundo, e eis que me descubro objeto em meio a outros objetos”. A “raça” tornou-se um signo carregado de negatividade difícil de ser extirpado, “isto porque o estereótipo impede a circulação e a articulação do significante de ‘raça’ a não ser em sua fixidez enquanto racismo” (BHABHA, 1998, p. 117).

Assim, por haver no discurso literário nacional essas formas de dizer sobre o negro pautadas em valores ocidentais que oprime e discrimina o Outro, tem surgido outras vertentes literárias em que o negro é sujeito do discurso e no discurso. Referimo-nos à literatura afro-brasileira, uma literatura engajada em legitimar a voz do negro no campo literário, buscando erigir uma consciência de ser negro e conseqüentemente afirmar uma identidade negra, que a muito tempo é camuflada e suprimida por construções ideológicas, como a tentativa de branqueamento físico da população e posteriormente a construção de uma noção de democracia racial.

Os efeitos dessas ideologias podem ser notados, por exemplo, na ideia de construção de um projeto nacional a partir do sistema literário, no qual o negro não fez parte e ainda hoje é excluído, porque “a personagem do romance brasileiro contemporâneo é branca” (DALCASTAGNÈ, 2005, p. 44). Dessa forma, a literatura afro-brasileira também rompe com padrões de uma tradição literária homogeneizante, uma vez que elege como personagens centrais o negro, a mulher negra, valorizando a cultura africana e afrodescendente, além de denunciar os conflitos vividos por eles em consequência do tratamento de subalternidade que a sociedade lhes destina.

Essa literatura contradiz os discursos de negatividade sobre o negro utilizando muitos dos seus traços, que, ainda hoje, são matéria de exclusão e discriminação racial. A cor da pele, a textura do cabelo, as características do rosto, o corpo da mulher, são ressignificados na tessitura literária cunhada a partir do ponto de vista daquele que é sujeito de/da sua escrita. Desse modo, o corpo negro presente na literatura afro-brasileira é revestido de outras significações que provocam o querer ser negro.

Donaldo Schuler (1979) *apud* Zilá Bernd (1988, p. 44) afirma que “os signos que nos exilam são também os que nos constituem na condição humana, esta é a nossa fortuna e a nossa danação”, no caso da literatura afro-brasileira os signos erigidos são exatamente os que buscam restituir a condição humana do negro, extirpada por séculos de escravidão. “Assim os

escritores e escritoras de origem afro-brasileira vão falando de si, de suas famílias, da história de um grupo e rasuram a pretensa universalidade/ocidentalidade da arte literária”.¹

Se na nossa sociedade negros e negras são deixados à margem, na produção textual dos afro-brasileiros estes são protagonistas e protagonizados, portanto, podemos dizer que essa literatura rompe a tradição literária na qual o Outro-diferente permanece no esquecimento.

LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: LEGITIMAÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA

Afirmar-se negro em uma sociedade como a nossa em que o projeto de branqueamento da população, ainda que velado resiste, não é tão simples como muitos acreditam ser. Existem forças que agem na surdina do cotidiano daqueles que carregam no corpo a cor/marca da discriminação. No campo literário essas forças se evidenciam quando pensamos em representatividade, não apenas como presença, mas como define Dalcastagnè (2005, p.16) “está em questão a diversidade de percepções do mundo, que depende do acesso à voz e não é suprida pela boa vontade daqueles que monopolizam os lugares de fala”.

Esse silenciamento da voz do Outro pode ser associado ao que Quijano (2009, p. 73), considera como colonialidade do poder, isto é, as estruturas de dominação que permanecem mesmo com o fim do colonialismo. Em outras palavras, a dominação instaurada com a colonização de nações e subjugação dos seus povos continua existindo sob novas formatações. No caso do Brasil essa colonialidade do poder é facilmente reconhecível ao notarmos que negros e índios ainda ocupam um lugar de subalternidade na nossa sociedade.

Como consequência desse efeito de naturalização do poder há por exemplo, segundo Duarte (2008), aqueles que resistem em reconhecer a existência de uma literatura negra ou afro-brasileira no país. Nas palavras do autor:

Enquanto muitos na academia ainda indagam se a literatura afro-brasileira realmente existe – e assinalemos aqui até mesmo a perversidade de uma pergunta que às vezes não deseja resposta –, a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita: [...] essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa (DUARTE, 2008, p. 12).

¹ SOUZA, Florentina. “Literatura Afro-brasileira: algumas reflexões”.

Diante dessas questões, vemos na literatura afro-brasileira o propósito de subverter uma tradição literária de silenciamento e exclusão do negro, mas também um projeto político de evidenciar um querer ser negro, contrariando todos os dizeres que intentam minar tais propósitos. Isso é facilmente notável na tessitura literária de seus escritores que buscam nas suas próprias vivências, significantes de escrita.

Para demonstrar tais particularidades da produção textual afro-brasileira tomamos como objeto de análise os livros: *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), *Não vou mais lavar os pratos* (2011), *Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção* (2011) da escritora negra Cristiane Sobral.

A escolha dos livros. A literatura afro-brasileira possui uma gama de escritores que desde o período escravocrata vem ressignificando o espaço literário com a presença do negro. Luiz Gama, por exemplo, um dos precursores dessa literatura impunha em seus poemas as problemáticas vividas por seus pares utilizando-se da sátira para subverter o olhar estereotipado conferidos aos negros.

Domingos Caldas Barbosa, Maria Firmina dos Reis, Francisco de Paula Brito, Machado de Assis, Gonçalves Crespo, José do Patrocínio, e Cruz e Sousa, também estão no rol dos escritores afro-brasileiros (as) que desde o século XIX já empunhavam suas canetas para falar do negro enquanto sujeito e não objeto. Seja na poesia ou na prosa, cada qual com sua pluralidade/especificidade de dizeres marcam posição ao mesmo tempo que reivindicam o lugar do negro seja na tessitura literária ou na sociedade da qual pertenciam.

Do século XIX ao XXI o rol de escritores afro-brasileiros, que assim como os seus antecessores tem se dedicado ao combate à discriminação racial, bem como, à busca de empoderamento dos seus pares tem crescido consideravelmente. Nesse sentido, optamos por trazer aqui uma escritora da contemporaneidade com o objetivo de mostrarmos a consolidação dessa literatura.

Cristiane Sobral é professora, atriz e escritora, natural do Rio de Janeiro, mas reside em Brasília desde os anos 90. Começou a publicar seus poemas em “Cadernos Negros”, um espaço dedicado a divulgação dos trabalhos de escritores afrodescendentes. Desde então, a

autora fita seu olhar incessantemente para a capacidade de libertação do eu negro, como declara a seus leitores ao apresentar sua página na internet:

Há alguns anos atrás, quando deixei de assistir televisão, percebi que poderia ser mais feliz. Cansada de ser vista pelo olhar do outro, resolvi reconstruir minha identidade. Resolvi buscar outros referenciais com os quais me identificasse e encontrei tanta riqueza! Depois de restaurar a mirada dos olhos, comecei a ampliar os pontos de vista para que pudesse contar histórias, inventar cenários de realidade além das telas programadas pelo padrão hegemônico (único).²

Percebemos em suas palavras sua sagacidade enquanto mulher, negra, suburbana³, ao buscar reconstruir sua identidade. Reconstruir, esse é o termo usado por ela e é justamente essa busca de reconstrução de identidades perdidas, no caso a identidade negra que veremos nos textos da escritora. Seu primeiro livro *Não vou mais lavar os pratos* compõe-se de uma série de poesias a partir das quais diversas questões relacionadas ao ser negro são problematizadas. Contudo, são as questões relativas a mulher que ganha mais força na tessitura poética do livro.

Elegemos o poema “Não vou mais lavar os pratos”, este que dá título ao livro, para afinarmos nossa discussão. Começamos pelo título no qual a primeira palavra que o compõe é “não”, seguido da apresentação de uma atividade que vista de fora pode parecer banal – lavar os pratos. Esse eu que em primeira pessoa enuncia sua recusa de não lavar os pratos, enuncia também sua recusa a muitas outras coisas.

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler.
Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi
Não levo mais o lixo para a lixeira.
Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal
Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos,
a estética dos traços, a ética, [...] (SOBRAL, 2011, p.23).

Há a recusa de continuar sendo o que era, “lavadeira de pratos”, pois agora, depois de conhecer a estética desses mesmos pratos e descobrir que lavá-los é na verdade encobrir a

² SOBRAL, Cristiane. Disponível em: <https://cristianesobral.blogspot.com.br/2016/05/ja-conhece-pagina.html?view=sidebar> Acesso em: 31 de Julho de 2016.

³ Este é o modo como a autora se apresenta em sua página.

estética dos traços e a ética, não lhe interessa mais lavar os pratos. O desvendamento de um eu, que se pode afirmar em outro espaço de enunciação provocado pelo ato de abrir o livro é o que possibilitará a negação de outros lugares impostos por padrões sociais.

Desta forma, temos no poema duas faces de um eu. A primeira, que recusa-se a continuar apenas no espaço da casa, da arrumação, da limpeza diária: “Não vou mais lavar as coisas e encobrir a verdadeira sujeira/ Nem limpar a poeira e espalhar o pó daqui para lá e de lá pra cá” (SOBRAL, 2011, p. 24). E a segunda face se configura no seu reconhecimento, demonstrado nos versos a seguir:

Não tocarei no álcool.

Depois de tantos anos alfabetizada, aprendi a ler
Depois de tanto tempo juntos, aprendi a separar
meu tênis do seu sapato,
minha gaveta das suas gravatas,
meu perfume do seu cheiro.
Minha tela da sua moldura
Sendo assim, não lavo mais nada,
e olho a sujeira no fundo do copo.
Sempre chega o momento
De sacudir, de investir, de traduzir
Não lavo mais pratos.
Li a assinatura da minha lei áurea escrita em negro maiúsculo,
Em letras tamanho 18, espaço duplo (SOBRAL, 2011, p. 24, grifo nosso).

Nessa nova fase possibilitada pela leitura, essa mulher demonstra com clareza sua transformação, agora é ela quem dita as regras, é ela a portadora da sua voz e não o outro. Em suma, há no poema um grito de liberdade à imposição de padrões sociais que conferem a mulher o lugar de subalternidade, ou melhor, de dupla subalternidade, primeiro por ser mulher, segundo por ser negra. Nesse sentido, em “Não vou mais lavar os pratos”, temos não só, uma mulher consciente da sua identidade, mas também uma mulher que subverte os lugares na sociedade a ela imputados, como podemos notar no desfecho do poema:

Aboli.

Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,
Cozinha de luxo,
e joias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea (SOBRAL, 2011, p. 25, grifo nosso).

Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção (2011) é um livro de contos em que Cristiane Sobral cria uma teia de palavras e imagens que incita o leitor a percorrer os diversos caminhos trilhados por aquele que passa por um processo de autoconhecimento. O livro está dividido em três partes, como se fossem três fases desse processo. Na primeira fase, intitulada *Sete espelhos*, as narrativas nos convidam a ver por meio desses espelhos: “Pixaim”, “Garoto de Plástico”, “Cauterização”, “Bife com batata frita”, “A discórdia do meio”, “O buraco negro” e “Maria Clara”, os diversos modos de silenciamento e negação da identidade negra. Em *Pixaim*, por exemplo, a personagem é coagida a negar a textura dos seus cabelos que ela tanto gosta, para se enquadrar aos padrões estéticos.

A segunda fase intitulada “Sete miradouros” acompanha o alerta: (para reflexão), são sete narrativas que instigam o ato de refletir anunciado já no início. Refletir sobre conflitos identitários ocultados nas suas diferentes formas, tais como: negação do corpo, da cor da pele, das habilidades intelectuais, do gênero, enfim negação de si mesmo enquanto sujeito.

Na terceira fase, “Sete dialéticas da percepção”, há a problematização sobre a existência do ser, sobre a estrutura familiar, os estereótipos de erotização do corpo negro, sobre a invisibilidade do negro enfim, “Sete dialéticas da percepção” concede-nos a possibilidade de novas percepções, convidando-nos a enxergar o Outro.

Dentre as narrativas que compõem o livro elegemos o conto “Memórias” para tecermos algumas análises. O conto é narrado em primeira pessoa por um homem que em um momento especial de sua vida lança mão de suas memórias, para recorrer a um momento também, especial, da sua infância.

O fato acontece em uma “segunda-feira, com muito sol. O lugar é um daqueles guardados na cabeça em uma pasta de arquivos essenciais à própria existência. O cenário? O pátio de uma escola particular na zona nobre de uma grande cidade foi o escolhido” (SOBRAL, 2011, p. 55).

Aos onze anos o menino frequentava esta escola na condição de bolsista e filho da faxineira. Apesar da posição (menino negro, bolsista e filho da faxineira) considerada inferior pelos demais, para ele a permanência nesse ambiente se dava porque “alma e inteligência vão além de qualquer cor” (SOBRAL, 2011, p.56).

O fato revelado por essas memórias deu-se na sala de aula. O personagem-narrador revela-nos que sentava-se na frente – era seu lugar preferido por ser portador de miopia e usuário de óculos – quando a professora pede o auxílio de um voluntário. Ele prontamente se oferece como tal. Porém, para sua surpresa ao se levantar algo o impede de se pronunciar. Vejamos:

Levantei animado, arrumei as calças do uniforme (feitas pela mamãe) e despenquei bem no meio da sala. Fugiu dos meus olhos instantaneamente aquela claridade habitual do mundo sempre branco daquela escola de meninos ricos onde eu só estava porque, em minha opinião, alma e inteligência vão além de qualquer cor (SOBRAL, 2011, p. 56).

Ao descrever o ocorrido ele diz: “O fato é que esta foi a primeira vez em que ‘me deu um branco’, experiência que beira a perda total da identidade, algo que, infelizmente algumas pessoas sentem a vida inteira sem perceber” (SOBRAL, 2011, p.56). O personagem sofre com essa experiência de quase perda da identidade marcada pelo gesto de silenciamento da sua voz. Ao não conseguir se pronunciar diante daqueles que o viam como ocupante de um lugar que “não lhe cabe”, é como se os conflitos identitários fossem realçados.

Entretanto, essa “experiência de quase perda total da identidade” serve de ponte para que o personagem fortaleça seus laços identitários. Ao acordar já no hospital, em virtude do seu súbito desmaio provocado por uma fraqueza anêmica, ele é assistido pelo pai em plena segunda-feira, dia de trabalho. Vejamos a significação desse momento para o personagem:

Ainda na cama fechei os olhos lentamente e senti o meu corpo levitar por um segundo. Ao abri-los, surgiu outro cenário, no lugar que àquela altura eu considerava o mais precioso do universo: o colo de meu pai. Seus braços negros, enormes, como que revestidos de aço, sempre envolveram o meu corpo com carinho (SOBRAL, 2011, p. 56-57).

O encontro com o pai torna-se ainda mais significativo quando o menino, ainda frágil, nos braços do pai recebe a notícia que poderá passar mais alguns instantes ao lado da figura paterna:

Ouvi ao longe a voz do simpático médico com cara de Papai Noel:

- O menino terá que ficar de repouso em casa.

A sentença trouxe uma imediata sensação de alívio. Para completar a alegria, meu pai conseguiu dispensa no trabalho para ficar comigo a tarde toda. Era mesmo um sonho. Poderíamos assistir juntos a sessão da tarde. A realidade não perdeu para a fantasia naquela segunda-feira com cara de domingo, dia em que pude desfrutar de

um tempo a mais na companhia inenarrável do meu paizão (SOBRAL, 2011, p. p.57).

O repouso em casa na companhia do pai não foi antídoto somente para o estado físico do personagem, mas serviu-lhe principalmente para a reconstrução de sua identidade quase perdida. É como se a presença dos seus, representado aqui pela figura do pai, lhe conferisse subsídios para reafirmar sua identidade. Tanto que agora, já na qualidade de adulto o personagem narra essa história enfatizando sua importância para ele.

A rememoração desse fato vem à tona exatamente em um momento de extrema significância para o protagonista, como podemos observar nas seguintes palavras: “Esta história tem um sentido especial e por isso resolvi separá-la. Do baú das minhas memórias, exatamente na ocasião em que acabei de chegar da maternidade com o meu herdeiro nos braços. Meu tão sonhado primeiro filho” (SOBRAL, 2011, p.57).

O gesto de acolhimento se repete de geração para geração confirmando o desejo de dizer-se negro e afirmar sua identidade negra. O pai deseja ser para o filho “um espelho negro a altura dos seus sonhos mais coloridos” (SOBRAL, 2011, p.57), e além disso, acredita na força da ancestralidade para tornar viva suas memórias, pois são estas que o constitui, como podemos observar em suas palavras: “Sigo a crer nos meus espelhos mágicos. Uma coisa é certa: a nossa ancestralidade continuará na memória dos nossos descendentes enquanto pudermos lembrar e levar adiante os seus princípios. - Seja bem-vindo, Luther!” (SOBRAL, 2011, p.58).

Em relação ao livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), Cristiane Sobral usa o cabelo, traço que marca os diversos estereótipos sobre o negro, justamente para marcar uma identidade negra. No poema “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”, que intitula o livro, o eu-lírico de forma imponente, resistente e consciente de sua identidade afirma:

Só por hoje
Vou deixar o meu cabelo em paz
Durante 24 horas serei capaz
De tirar
Os óculos escuros modelo europeu que eu uso
Enfrentar a claridade
Só por hoje

Só por hoje
Durante 24 horas
Serei capaz
De contemplar o que eu sou
Só por hoje
Encarar a claridade
Sem as sedutoras lentes
Que nos ensinam
A desejar ser quem não somos

Só por hoje
Desafiar a claridade
Com os escurimentos necessários
De um olhar “3 D”

Só por hoje
Só por hoje
Vou deixar meu cabelo em paz (SOBRAL, 2014, p.16).

O poema revela a preocupação de um “eu” em reconstruir sua identidade negra escondida pelas lentes escuras de um “óculos modelo europeu”. Para tanto, este “eu” afirma que é preciso “enfrentar a claridade”. Em outras palavras, enfrentar os padrões hegemônicos que discriminam e segregam aqueles cujos traços fenóticos não sejam “adequados”.

Desse modo, o eu lírico interroga as muitas formas de silenciamento imputados aos que não possuem a claridade tão valorizada pela sociedade. Como os mecanismos ideológicos, já citados aqui: branqueamento e democracia racial, que com suas “sedutoras lentes” “[...] nos ensinam/ A desejar ser quem não somos” (SOBRAL, 2014, p. 16).

Para Zilá Bernd (1988), há na poesia afro-brasileira um “eu-que-se-quer-negro”, e que busca esse reconhecimento. Diferentemente de construções literárias eurocentradas em que o negro é um mero objeto, não possui voz e muitas vezes sua representatividade é marcada por estereótipos, a literatura afro-brasileira subverte, desloca e questiona essas representações. Referindo-se à poesia negra brasileira a autora enfatiza:

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a re-escrita da história do ponto de vista negro. Edificando-se como o espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação a conscientização (BERND, 1988, p. 77).

As palavras da autora refletem com precisão os anseios do eu lírico presente no poema de Cristiane Sobral, pois este apresenta o desejo de sair da condição alienante e busca os “escurimentos necessários/De um olhar ‘3 D’” (SOBRAL, 2014, p.16).

Por fim, podemos afirmar que o poema encena as múltiplas discussões que o livro traz: mulher negra, identidade, racismo, preconceito, desigualdade social enfim “Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz”, distancia-se de ser um livro com uma temática que pode ser entendida como trivial, cabelo. Ao contrário, este traz a complexidade que engendra as relações raciais em um país como o Brasil, mas além disso, mostra que é preciso resistir, como nos versos do poema *Inoxidável*:

Sou osso duro de roer
Tente morder
Tente quebrar
Sugiro não tentar

Sou osso duro de roer
Sem atalhos
Sem desculpas
Nada de mentiras nem culpa

Tente atacar você vai ver
Meu sobrenome é mulher
Venha quem vier
Sou osso duro de roer

Venço a violência
Fujo da indecência
Odeio hipocrisia café com leite
Sou tudo isso e nunca pro seu deleite

Sou carne de pescoço
Desista você vai perder
Sou osso duro de roer
Fênix fêmea forjada na luta pra sobreviver (SOBRAL, 2014, p.16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora as análises feitas aqui tenham um caráter panorâmico, uma vez que os três livros da escritora Cristiane Sobral nos fornecem matéria para irmos muito além, é possível afirmarmos que a literatura afro-brasileira é sim um espaço de questionamentos e ruptura de

ideais hegemônicos no que diz respeito, tanto a representatividade do negro na literatura brasileira, quanto a própria tradição literária.

Porque “ser negro numa sociedade racista não é apenas ter outra cor, é ter outra perspectiva social” (DALCASTAGNÈ, p. 2008, p.98), pensando nisso, quando autores afro-brasileiros se assumem negros afirmando uma identidade negra, eles ao construírem suas personagens projetam nelas esta outra perspectiva social que subverte um sistema de exclusões e constrói novos valores, tornando positivo o que ainda é considerado negativo. Ou seja, é outro o lugar do negro nessa literatura porque ele possui voz, fala de si e por si sem intervenções de eu que se coloca como superior.

Portanto, é [...] “uma literatura cujos valores fundadores repousam sobre a ruptura com contratos de fala e de escritura ditados pelo mundo branco e sobre a busca de novas formas de expressão dentro do contexto literário brasileiro” (BERND, 1988, p. 22).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo, Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi. A outra questão: o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo. **In: O Local da Cultura**. Belo Horizonte, Ed. UFMG. 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. **A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004**. Estudos de literatura contemporânea, nº26. Brasília, jul-dez de 2005.

_____. **Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, jan-jun de 2008, pp. 87-110.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 11-23.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Scripta, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.

FRANTZ, Fanon. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. - Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194

FESTINO, Cielo Griselda. **A estética da diferença e o ensino das literaturas de Língua Inglesa.** Graotá, Niterói, nº 37, 2014.

FILHO, Domício Proença. **A trajetória do negro na Literatura Brasileira.** Estudos Avançados 18 (50), 2004.

SOBRAL, Cristiane. **Espelhos, miradouros, dialéticas da percepção.** Dulcina. Brasília, 2011.

_____, **Não vou mais lavar os pratos.** Edição do autor. Brasília, 2011.

_____, **Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz.** Ed. Teixeira. Brasília, 2011.

SOUZA, Florentina. **Literatura afro-brasileira: algumas reflexões.** Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/revista2/revista2-i64.pdf> Acesso em: 31 de julho de 2016.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas.* Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, p. 107-130, edição brasileira.